

NO FUNDO DOS RIOS OU ONDE NASCEM TODAS AS COISAS

IN THE DEPTHS OF THE RIVERS OR WHERE ALL THINGS ARE BORN

Mauricio Igor Almeida
PPGAV-UDESC

Resumo

O presente ensaio visual apresenta uma série de pinturas de título homônimo ao deste ensaio. Estas produções partem de pesquisa sobre a presença negra na Amazônia e a constituição afro-indígena da região, percebendo como as culturas se relacionam hoje por meio de diferentes perspectivas, cujo encontro se inicia no mundo espiritual, depois chega ao terreno. Estas e outras produções compõem um site-processo, resultado de projeto aprovado na Lei Paulo Gustavo de Artes Visuais no Pará.

Palavras-chave:

Amazônia; espiritualidade; afro-indígena.

Abstract

This visual essay features a series of paintings sharing the same title as the essay. These works emerge from research into Black presence in the Amazon and the Afro-Indigenous makeup of the region, exploring how cultures relate today through different perspectives, with their encounter beginning in the spiritual realm before arriving on earth. These and other works make up a process-based website, the result of a project approved under the Paulo Gustavo Law for Visual Arts in Pará.

Keywords:

Amazon; spirituality; afro-indigenous.

Desde sempre, a espiritualidade se manifesta como um tecido vivo no território amazônico, nos animais, nas plantas, nos rios, em seres não humanos e humanos. Os povos originários cultivaram relações espirituais profundamente conectadas à natureza, aos ciclos da vida e às cosmologias únicas de cada etnia, guiadas pelas energias das encantarias.

Com a colonização e o tráfico negreiro, vindos principalmente da região da Costa da Mina, região da África Ocidental que hoje abrange Gana, Benim, Nigéria e Togo, africanos desembarcaram em portos do Grão-Pará e Maranhão, onde sofreram as dores da escravização. Ao chegarem a estas terras, contudo, não vieram sozinhos: trouxeram consigo suas divindades, que lhes davam esperança.

Neste momento, as divindades africanas manifestavam-se apenas entre os próprios africanos. Segundo o documentário *A Descoberta da Amazônia pelos Turcos encantados* (2005), o Vodun Verequete (ou Averequete) foi o primeiro a perceber que tal divisão era negativa para esta nova consciência e configuração de mundo. Ele visita casas de caboclos encantados e reconhece essas entidades em pé de igualdade. Propõe, então, alianças para que todos os povos se mantivessem unidos.

Nesse contexto, a partir de pesquisas bibliográficas, experiências pessoais, encontros e deslocamentos, tenho pesquisado sobre a ancestralidade africana e como ela se apresenta na região amazônica. Assim, iniciei pesquisa que envolve a união de símbolos Adinkra, um conjunto pertencente ao povo Ashanti, que faz parte do grupo de povos Akan.¹ Esses símbolos representam conceitos e saberes sociais, espirituais e ancestrais (Nascimento; Gá, 2022). Com eles, imagino cenários em que relaciono estes símbolos a contextos amazônicos. São cenas em que crio esta presença afro-indígena na região, regidas pelas energias das encantarias, que está em tudo: nas paisagens, nos ritmos, nos costumes, no cotidiano, nas lutas, nas comidas, nos objetos, nos frutos...

A primeira pintura feita foi de Ananse. O símbolo é a estilização de uma teia de aranha e carrega os significados de sabedoria, de criatividade e das complexidades da vida. Logo que o vi, enxerguei uma hélice de ventilador. Já há alguns anos desenvolvo uma pesquisa voltada a esses objetos – ventiladores consertados por meio de gambiarras – e acredito que, por isso, tive essa associação quase imediata.

Tal relação também me remeteu ao pensamento de Zélia Amador de Deus, artista, professora, pesquisadora e importante militante pelo movimento negro da Amazônia e do Brasil, que nos conta:

“Não! Não se deve matar uma aranha! Essa aranha pode ter mãe. A mãe dela pode ser uma deusa. Ela pode ser filha de Anansia”. Cresci ouvindo minha avó contar essa história. E eu pensava com meus botões: “Minha avó e essas histórias do Marajó... Quando que uma aranha pode ser filha de uma deusa?” Mas minha avó sempre aparecia com novas histórias de Anansia para contar. Bem que algumas vezes dava vontade de esmagar aquelas aranhinhas, as bem pequeninhas. Escondida, a minha avó nem ia saber, não ia nem desconfiar! Mas, pelo sim pelo não, era melhor não matar aranha. Essas histórias me acompanharam pela vida afora. Jamais pude esquecê-las. E mais, a recomendação de poupar as aranhas também me acompanhou. Mais tarde compreendi que as Anansias das histórias de minha avó derivavam do mito da deusa Aranã, divindade da cultura fanti-ashanti (Amador de Deus, 2019, p. 19).

É assim que nós, herdeiros e herdeiras de Ananse, somos conectados por teias que se espalharam junto à diáspora, chegando a vários lugares, chegando aqui, na Amazônia. As teias, assim como as hélices, são ventos que dispersam, mas também que se encontram e reencontram.

Esta pesquisa teve início durante residência artística na Citè Internationale des Arts, em Paris, onde me vi influenciado por encontros, conversas, reconhecimentos, semelhanças e diferenças de uma África em diáspora. Um desses encontros foi em um mercado de pulgas, onde um comerciante senegalês me apresentou vários itens. Logo me chamou atenção um tecido de tom amarelo-terroso e estampado. Ele me disse que era uma peça única, vinda de Gana. O tecido ficou guardado e só voltei a vê-lo durante o desenvolvimento deste projeto.

Esta pesquisa parte de um desejo pessoal de conhecer mais sobre meu estado, o Pará, indo ao encontro de algumas localidades pela primeira vez, mas também era a forma de aprofundar a pesquisa: vivenciando. Assim, com apoio do Edital de Artes Visuais - Lei Paulo Gustavo, fui a Soure (Marajó) e a Santarém (Alter do Chão).

No Marajó, as cores que eu estava utilizando passaram a fazer mais sentido: as águas e o que delas provém. No livro *O Mundo Místico Dos Caruanas da Ilha do Marajó*, a pajé Zeneida Lima conta que “o mundo dos Encantados está no fundo das águas, porque delas nasceram todas as coisas” (Lima, 2022, p. 177). De onde nasceram e de onde, acredito, ainda nascem.

Em Santarém, de onde provém boa parte de minha família, realizo o vídeo *Quando as Encantarias Abraçam Orum* que, conceitualmente, antecede as pinturas. Isso porque a relação indígena e africana se inicia no mundo espiritual, depois chega ao terreno.

É assim que chego aos Adinkras, símbolos com origem na África Ocidental, principalmente de regiões que hoje correspondem a Gana, Costa do Marfim, Burkina Faso e Togo. Também é de Gana o tecido que adquiri. Traço um paralelo entre a origem de ambos e o Tambor de Mina, a mais predominante religiosidade de matriz africana na Amazônia, cujas fundadoras também compartilham essa origem, pois o termo “mina” refere-se aos negros escravizados que vieram do Forte de São Jorge da Mina, na atual República de Gana.

Deste modo, permeadas pelas encantarias, que surgem as figuras nas pinturas, os Adinkras não como algo a parte, mas integrado ao que já existia na região amazônica, junto à pajelança e seus mistérios. Os Adinkras e as cosmologias indígenas compartilham a valorização da espiritualidade, ancestralidade e natureza. Ambos incorporam uma visão do mundo em que o sagrado permeia o cotidiano e os elementos naturais.

Tendo isso em vista, esta série foi convidada para integrar a 2ª Bienal das Amazônias, com curadoria de Manuela Moscoso, curadoria adjunta Sara Garzón e Jean da Silva como cocurador do programa público. Intitulada *Verde-distância*, a exposição é inspirada no romance *Verde Vagomundo*, do escritor paraense Benedicto Monteiro, revelando a Amazônia como constante fluxo entre vozes, ritmos, afetos e resistências.

As pinturas surgem de forma não linear, vão desde os elementos naturais até atravessamentos ao longo da história onde esse afro-ameríndio se apresenta.

Contemplamos os símbolos e seus saberes.

Com eles aprendemos, também ensinamos.

Com eles, confluímos.



Figura 1 - *Ananse*, de Mauricio Igor (2023), tinta a óleo sobre linho, 103 x 143 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 2 - *Sankofa*, de Mauricio Igor (2023), tinta e pastel a óleo sobre linho, 105 x 75 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 3 - *Akofena*, de Mauricio Igorm (2024), tinta a óleo sobre lona, 115 x 85 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 4 - *Mate Masie*, de Mauricio Igor (2024), tinta a óleo sobre lona, 145 x 95 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 5 - *Abe Dua*, de Mauricio Igor (2024), tinta a óleo sobre lona, 145 x 95 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 6 - *Onyakopon Ne Yen Ntena*, de Mauricio Igor (2024), tinta e pastel a óleo sobre lona, 93,5 x 81,5 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 7 - *Osram ne nsoromma*, de Mauricio Igor (2024), tinta e pastel a óleo sobre linho, 62 x 55 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 8 - *Hwemudua*, de Mauricio Igor (2024), tinta a óleo sobre lona, 143 x 182,5 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 9 - *Nsoromma*, de Mauricio Igor (2024), tinta a óleo sobre lona, 100 x 151 cm.
Fonte: Acervo pessoal do autor.



Figura 10 - *Nkyinkyim*, de Mauricio Igor (2024), tinta a óleo sobre lona, 104,5 x 160 cm.
Fonte: Acervopessoal do autor.



Figura 11 - Parte da série exposta na 2ª Bienal das Amazônias (2025), fotografia digital, obra no espaço expositivo.
Fonte: Acervo pessoal de Ana Dias.



Figura 12 - Parte da série exposta na 2ª Bienal das Amazônias (2025), fotografia digital, obras no espaço expositivo.
Fonte: Acervo pessoal de Ana Dias.

REFERÊNCIAS

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora**: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. Belém: Secult/PA, 2019.

LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos caruanas da ilha do Marajó**. 8. ed. Belém: Lettera L, 2022.

NASCIMENTO, Elisa; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra - Sabedoria em símbolos africanos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó/Ipeafro, 2022.

Nota

¹ A pesquisa completa de *No fundo dos rios ou Onde nascem todas as coisas* está disponível no site-processo em: <<https://www.mauricioigor.com/no-fundo-dos-rios>>.

SOBRE O AUTOR

Mauricio Igor Almeida é licenciado em Artes Visuais (UFPA), mestre e doutorando em Processos Artísticos Contemporâneos (PPGAV/UDESC). Seu trabalho investiga as relações complexas da Amazônia com o Brasil e o mundo, atravessadas por questões de racialização, gênero, sexualidade e cotidiano amazônico, construindo um percurso contracolonial. Tais processos se desdobram em fotografias, performances, vídeos, textos, intervenções, instalações e pinturas. Atualmente, sua pesquisa se volta às espiritualidades afro-indígenas presentes na Amazônia. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-1473-0501>>. E-mail: mauricioigor.almeida@gmail.com

Recebido em: 12/5/2025

Aprovado em: 30/12/2025